



Leituras e vozes docentes: um encontro entre Mikhail Bakhtin e Machado de Assis na sala de aula

Marcela Alvarenga Toniato Cora ¹
Letícia Queiroz de Carvalho ²

RESUMO:

O texto em tela apresenta um recorte da pesquisa “O ensino de literatura e as vozes docentes: diálogos com Machado de Assis no grande tempo”, desenvolvida na linha de formação de professores, do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades (PPGEH), do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória, cujo objetivo nuclear é investigar o ensino de Literatura e a formação de professores, na perspectiva das narrativas docentes sob a ótica bakhtiniana em práticas de leitura na formação continuada da área de Letras. Elaboradas a partir das experiências de leitura com professores de Português da Educação Básica da rede de ensino capixaba, as narrativas docentes fizeram-se presentes a partir de interações verbais decorrentes de uma das oficinas propostas em nossa prática interventiva, em que discutimos o conto de Machado de Assis, “Conto de Escola”, inserida em uma pesquisa qualitativa de base dialógica. Nesta abordagem, pudemos ouvir e refletir as experiências dos professores em seus êxitos e em seus desafios na sala de aula, de modo a discutir as contribuições do conto machadiano e da tradição literária para as práticas do ensino de literatura.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino;
Formação Docente;
Literatura;
Machado de Assis;
Narrativas;

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Instituto Federal do Espírito Santo (campus Vitória) e professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Ifes – campus Vitória, atuando na área de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail: maatcora@gmail.com. Orcid: 0000-0003-0714-3613

²Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Docente permanente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, atuando no Profletras e Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades. Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br. Orcid: 0000-0003-0519-6746

1 Introdução

O texto em tela busca um diálogo entre narrativas docentes sobre a leitura machadiana na formação continuada da área de Letras e as práticas de leitura literária em sala de aula, na perspectiva do grande tempo bakhtiniano, por meio de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades – PPGEH, do Instituto Federal do Espírito Santo, na linha de formação de professores.

As questões nucleares que nos impulsionaram em nossa proposta interventiva foram: De que modo as experiências de leitura narradas nos processos formativos da área de letras contribuirão para novos diálogos no ensino de literatura na educação básica? Quais as contribuições da tradição literária na formação continuada dos professores que formam leitores?

Para isso, nossa investigação partiu da leitura do texto “Conto de Escola”, de Machado de Assis, e do pressuposto de relacioná-lo a temas contemporâneos que estão em voga no cenário atual da educação básica. Para tal ensejo, discutimos em uma oficina de literatura, com os professores da educação básica da rede pública de ensino capixaba, na disciplina “Literatura e Ensino” do Profletras – Ifes Vitória, as hipóteses de intervenção para doze casos atuais: envolvendo corrupção, indisciplina, vício, problemas de saúde mental, emocional e bullying, entre os quais, os tópicos relacionados à delação e corrupção se conectam diretamente ao conto machadiano oitocentista, de modo que são as características mais marcantes no enredo escrito pelo carioca em 1840.

Entendemos que cotejar as questões escolares contemporâneas com o conto clássico nos permite compreender de modo mais amplo as práticas de leitura dos professores em sua relação com temas que envolvem o cotidiano escolar. Neste escopo, nossa perspectiva é estimular debates e a reflexão por meio de experiências de leitura literária em diálogo com a prática docente atual. Organizamos o nosso percurso argumentativo, nesse texto, a partir das seguintes seções: *A leitura no grande tempo bakhtiniano* - que apresentará algumas considerações sobre práticas leitores na sala de aula na perspectiva do grande tempo bakhtiniano, por meio de um recorte teórico da nossa pesquisa, no que tange à educação literária sob a ótica de Bakhtin.

A seguir, enunciaremos as interações verbais advindas de um dos encontros dialógicos ocorridos em nossa prática investigativa com os professores que cursam o mestrado no ProfLetras Ifes Vitória, na seção denominada *Experiências de leitura docente: entre diálogos, encontros e narrativas na pesquisa*. Em seguida, sistematizaremos algumas ideias nucleares a respeito da nossa prática em cotejo com as matrizes teóricas escolhidas, em *Considerações para novos debates*, seção em que

apontaremos possíveis caminhos para o trabalho com a leitura na formação de professores.

2 A leitura no grande tempo bakhtiniano

Uma das possibilidades de podermos visualizar e extrair a atualidade do conto de Machado de Assis passa pelas contribuições de Bakhtin (2017), com as premissas do Grande Tempo, um dos pilares teóricos da arquitetura proposta por Bakhtin e o Círculo (2017), o qual se expressa na compreensão textual através dos tempos, ou seja, de modo dialógico os saberes do período em que o texto foi escrito, em confronto com os saberes do contexto atual no espaço-tempo do leitor. Assim, quanto mais possibilidades de leitura criativas em diálogo com as sociedades no decorrer dos séculos, mais produtivo se torna o diálogo, e melhor se extrai o quilate de uma obra clássica. Para Bakhtin (2017) “[...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude se revela no grande tempo (BAKHTIN, 2017, p. 14-16)”. Podemos, então, observar que dois séculos depois a leitura do conto machadiano aqui em discussão, parece atual.

O contexto escolar do conto se mostra de maneira hostil e conturbada. Percebemos ausência de diálogos e de relações sociais mais profundas e o ensino é totalmente desconectado dos anseios e da realidade do aluno, o que nos parece familiar. O modelo de ensino rigoroso e superficial apresentado, diante da sociedade contemporânea, parece não ter mudado muito apesar da distância aproximada de dois séculos.

Candido (2002) nos fala que a literatura tem o poder de contribuir na expansão intelectual e humana e afirma que ao nos identificarmos ou repudiarmos um personagem formamos as bases de nossas conexões com o mundo a partir da compreensão de nossas emoções, seja de modo consciente ou inconsciente. Assim, podemos promover a humanização e a consciência reflexiva do indivíduo através da leitura literária dos textos clássicos, conforme corrobora o sociólogo brasileiro.

Sob a ótica da leitura no grande tempo bakhtiniano, o chamado processo literário de uma época, se estudado isoladamente de uma análise profunda da cultura, reduz-se a uma luta superficial entre as correntes literárias e, para a modernidade (particularmente para o século XIX), reduz-se, em essência, ao sensacionalismo das revistas e jornais, que não exerce influência sobre a grande, a autêntica literatura de uma época (BAKHTIN, 2017, p.12).

O filósofo russo reitera que “[...] a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (BAKHTIN, 2017, p. 11). Bezerra (2017) explana acerca do diálogo entre o

pequeno tempo e o grande tempo de Bakhtin: “As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, no grande tempo, onde são lidas de um modo novo, interpretadas, reavaliadas noutros contextos culturais” (BAKHTIN apud BEZERRA, 2017, p. 86).

A compreensão de grande tempo, segundo Bubnova (2015) transcende o espaço e o tempo tanto do enunciador, do texto quanto do receptor. Todas essas instâncias quando em contato transformam-se e carregam consigo as novas significações, sobretudo o leitor em seu espaço-tempo, que transportará consigo o espírito da arte criada em um dado momento histórico, em seu contexto de vida e da cultura.

Ao abordarmos as questões da dialogicidade e do grande tempo bakhtiniano percebemos seu valor nas possíveis contribuições para o ensino de literatura na sala de aula, as quais são negligenciadas, por exemplo, por práticas de ensino presentes na formação inicial na área de letras. Um dos autores que apontam a importante relação entre leitura, cultura e relações dialógicas com o contexto de formação docente por meio da literatura é Ginzburg (2012) ao discutir que as limitações do ensino de literatura advêm de alguns problemas na formação dos estudantes de Letras. Por isso, propõe reflexões sobre a prática por meio da fantasmagoria. Este termo se refere à coisificação das relações humanas, em especial, às relações entre professores das graduações de Letras e os discentes. A precarização destes veículos, segundo o autor, engessa e descaracteriza as trocas que deveriam ser colaborativas. Situação que se inicia muito antes do aluno chegar à faculdade, em todo o pragmatismo do ensino desde a educação básica, conforme explica:

Na escola, nos cursinhos, e em seus recursos didáticos, não há a valorização de habilidades intelectuais voltadas para a atribuição de relevância para a leitura. O processo é organizado pela temporalidade do sucesso competitivo, da pontuação agressiva. Fazer mais em menos tempo. Ler livros quando se pode obter o mesmo resultado final com esquemas, fórmulas e resumos? Muitos estudantes aprenderam de seus professores que isso é desnecessário (GINZBURG, 2012, p.214).

A reflexão trazida pelo autor expõe o contexto educativo que prioriza a pouca reflexão, poucos debates e leituras superficiais dos textos, e conseqüentemente do mundo. E esse quadro se repete quando o aluno chega à universidade, pois o comportamento vicioso e inerte o acompanha desejando somente em seu percurso acadêmico, o suficiente para passar, em detrimento da apropriação dos saberes. Ainda, o autor traz uma reflexão desse movimento reforçado culturalmente, por meio do conto “Teoria do Medalhão” de Machado de Assis. Neste texto o pai explica ao filho como ser “medalhão” naquele contexto de sociedade e pede para que o filho não

questione seus mestres e oficiais, por ser cansativo. Sobre este trecho do conto, pondera Ginzburg (2012, p. 216):

Há na proposição desse nefasto pai uma espécie de indicador de um traço continuado da cultura brasileira, no modo de pensar as relações entre professores e estudantes, em perspectiva conservadora. Fazer perguntas a professores, questionar, debater, “traz o perigo de inocular ideias novas”. No caso do ensino de literatura, esse perigo, particularmente, merece atenção.

Nesse sentido, cabe ressaltar que sob a ótica de leitura bakhtiniana devemos compreender a literatura como um sistema aberto que se dilata no vasto campo da cultura universal (BEZERRA, 2017), de modo a não restringirmos a leitura de literatura a uma perspectiva imanente reduzida a análise das qualidades intrínsecas do texto literário.

Alinhada a tal concepção, Colomer (2017) destaca a necessária interlocução entre o passado e o presente no que diz respeito à leitura das obras da tradição literária, uma vez que, para a autora, três principais razões se anunciam para a leitura no grande tempo: a) no que diz respeito ao enlace social, destaca a capacidade do discurso literário favorecer a coesão e oferecer um sentido de pertencimento coletivo, um enlace que tece sociedades; b) no que tange à leitura como um instrumento de sentido, ressalta que o entrelace entre as obras contribui com a capacidade para revelar a reflexão artística da humanidade sobre si mesma, por ser um instrumento para entender o mundo; c) o contato com a leitura pode revelar um mapa cultural no qual se estabelece um enlace entre níveis culturais, ou seja, um mapa que oferece sentido de perspectiva cultural.

Diante dessa perspectiva teórica, apresentaremos, a seguir, leituras realizadas sob a ótica do grande tempo bakhtiniano com um grupo de professores da rede pública do Espírito Santo, mestrandos do Profletras - Ifes Vitória, destacando algumas interações produzidas por eles diante da experiência vivida na prática de leitura de um dos contos machadianos, o “Conto de escola”, produção literária tradicional e provocadora de reflexões acerca do ensino de literatura.

3 Experiências de leitura docente: entre diálogos, encontros e narrativas na pesquisa

As vozes docentes dos participantes da pesquisa que desenvolvemos foram essenciais para a nossa reavaliação de práticas de leitura na Educação Básica, sob a ótica do grande tempo bakhtiniano, por compreendermos que as produções literárias não se desvinculam dos contextos culturais em que são produzidas e recepcionadas por seus leitores. Desse modo, relacionamos as experiências de leitura dos professores

em diálogo com o contexto do texto de Machado de Assis e o ensino de literatura, por meio de encontros dialógicos realizados no âmbito da disciplina “Literatura e Ensino”, no segundo semestre de 2022, no Mestrado Profissional em Letras do Ifes Vitória.

O painel dialógico composto por professores das redes municipal e estadual de ensino capixaba ensejou diálogos potentes, visto que a heterogeneidade dos participantes, bem como as peculiaridades das regiões e contextos educacionais em que atuam reafirmou a necessária interlocução com a pluralidade sociocultural das práticas de leitura e de formação inicial da profissão docente, sob o viés da pesquisa narrativa em educação, na perspectiva bakhtiniana, com base nos estudos de Prado, Seródio & Proença (2015), por também acreditarmos nas narrativas pedagógicas como potentes dados advindos do cotejamento entre os textos que constituíram a nossa pesquisa em seu viés prático.

O gênero escolhido para nossa análise foi o conto. Segundo Oliveira (2018) é um excelente meio para trabalhar questões além da leitura e da estética e a própria prática pedagógica social. Ela pontua ainda que o gênero em destaque é uma forma de expressão discursiva, no qual, por meio de suas narrativas contribuem na humanização dos estudantes. Neste escopo, a autora defende o trabalho dos contos na sala de aula por possibilitar compreensões em nível de reflexão social, emocional e linguística.

Sobre as conceituações do gênero discursivo, ela nos mostra as óticas de Gotlib (2006), que compreende o conto como um texto ficcional, de história curta que aglutina discurso e acontecimentos de inspiração humana numa mesma narrativa. Ela continua que para Cortázar (2006) o conto é o desdobramento da linguagem de modo consciente do autor, que condensa em um curto espaço de tempo, e por isso, é vivaz e complexo. Segundo estes autores foi Alan Poe, que no Século XIX, difundiu esse modo de narrativa, e no mesmo período atingiu seu ápice sendo considerado “texto nobre” conforme relata (OLIVEIRA, p. 40, 2018):

Sabe-se que, apesar de os contos existirem há muito tempo, tiveram seu período de maior explosão a partir do século XIX, quando passaram a serem considerados um texto nobre, assim como as formas poéticas, passando a serem amplamente trabalhados. Isso porque deixaram de ser vistos como “folclóricos”, tornando-se produtos literários estéticos, ganhando inclusive status, disputando com o romance, o que foi também fomentado por importantes autores, tais como Edgar Allan Poe e Machado de Assis, que elevaram ainda mais o seu status.

A partir desse cenário, podemos entrar no universo dos contos machadianos e compreender sua riqueza e atualidade, bem como suas influências. Machado de Assis foi considerado o “[...] mestre do conto [...]” (SODRÉ, 1982, p. 501). Inaugurou no estilo com Contos Fluminenses, e foi se sedimentando e aprimorando a técnica. Porém, o estilo, ainda estabelecia o seu ritmo, assim como, sua estrutura. Parrine (2009) indica uma influência do estilo jornalístico e da narrativa fantástica de Allan Poe,

na composição do conto machadiano, e por isso, o torna especial. Para ela o escritor articulava a forma e tamanho do texto, com as tensões e reviravoltas dos personagens, e por isso, podem ser aproximados ao estilo dos contos fantásticos de Alan Poe. Sodré (1982) nos revela que Machado de Assis se esforçou para superar sua origem humilde, e confrontou e criticou em seus textos os problemas de classe e os preconceitos, bem como as forças da dominação política (BOSI, 2013).

Para Sodré (1982) ele foi exímio em revelar a superfície mais aparente do humano e do social, não na exposição de pessoas, mas na transposição dos costumes e tradições da época em seus personagens, ou seja, em um jogo de oposições costurava e desvencilhava-se de suas observações, e desse modo construía sua narrativa articulando “[...] o lado positivo de todas as qualidades consideradas negativas [...]” (SODRÉ, 1982, p. 500) e assim, retratava a sociedade em que vivia na sua face mais degradante. Apesar de lutar para ascender socialmente, mesmo acolhido pela classe abastada, não se identificava e nem a apreciava, e por isso, em um tom de denuncia a descrevia em seus contos.

Neste sentido, o “Conto de Escola”, de Machado de Assis retrata consideravelmente o modelo de escola que havia no Brasil do Século XIX. Logo, Vares (2008) explica que o modelo de educação apresentado no conto sob a ótica machadiana, retrata o contexto escolar durante o período monárquico brasileiro. Assim, a educação não apresentava protagonismo social, naquela sociedade. Por isso, a riqueza do texto está em mostrar um olhar bem próximo daquela realidade social e seus desdobramentos dentro da escola. A partir desse panorama nota-se por meio do conto em análise que as concepções sobre as práticas pedagógicas e o ensino ainda eram embrionárias no Brasil. Por isso, percebemos um comportamento sem nenhuma relação dialética com o aluno, conforme observamos no excerto a seguir:

[...] Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém [...] (ASSIS, 1994, p. 5).

Percebemos então, neste trecho do conto, o desinteresse tanto por parte do professor em ensinar, como por parte do aluno de estar envolvido no processo de aprendizagem. A escola por não estar inserida em um contexto que relaciona os conhecimentos com o mundo e a sociedade, não fazia muito sentido para ambos estar ali. Assim, a seguir trataremos de discursar sobre o modelo de ensino pragmático que contribuía para tal despreço e despertencimento.

Partindo das concepções de Todorov (2010) de que a literatura se encontra em perigo, devido ao pensamento que permeava os espaços acadêmicos de a literatura não ser relacionada ao mundo, situação que influenciava notadamente a formação dos professores de literatura nos cursos de Letras da França. Somada a essa questão, Cosson (2013) disserta que os cursos de formação de professores em Letras no Brasil, parece haver algumas lacunas na preparação dos futuros docentes que irão atuar com o ensino de leitura literária, sobretudo quando não existe nas grades uma disciplina que aborde de modo específico o ensino de literatura na sala de aula. O pesquisador ainda observa o fato de que os professores no Ensino Médio, ainda precisam lidar com o despreço dos alunos pela literatura clássica por estar “distante temática e linguisticamente de seu horizonte cultural” (COSSON, 2013, p. 18). E assim, esse modo de ver a literatura, somado às formações insipientes dos professores, tem gerado um despreço nos alunos da educação básica tanto na França como no Brasil. Sobre isso, (TODOROV, 2010, p. 38-39) afirma:

A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo. [...] Em 2006, na universidade francesa, essas generalizações abusivas ainda são apresentadas como postulados sagrados. Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas relações dos elementos da obra entre si. O que, não se dúvida, contribui para o desinteresse crescente que esses alunos demonstram [...].

Contudo, Todorov (2010) traz à baila a importância de relacionar a literatura à própria rotina em que se vive, pois o contato com o texto clássico nos auxilia a compreender melhor nossa realidade, uma vez que a literatura pode nos fornecer subsídios para nos posicionarmos diante dos desafios da vida.

Mesmo neste contexto de uma possível morte da literatura a cada período, indicado por Compagnon (2009), dado seus próprios contextos remodelação e influências teóricas científicas, ela resiste, se ressignifica e prossegue se atualizando em um mundo de conceituações e pressupostos que tentam conduzi-la na maneira ideal de ser ensinada, compartilhada e vivida. No entanto, concordamos que em meio a todos estes processos a literatura segue firme em sua principal motivação, a de revelar um mundo desconhecido por nós mesmos. Sobre isso, ele disserta.

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. A literatura nos liberta de nossas maneiras de pensar a vida, ela arruína a consciência limpa e a má-fé. Resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado. Seu poder emancipador continua intacto, o que

nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores (COMPAGNON, 2009, p.50).

Assim, entendemos que a literatura é um potente caminho para emergir o homem da alienação, sobretudo para revelar quem fomos e somos, e quem pretendemos ser. Desse modo, Candido (2002) nos mostra ainda, que é por meio da arte literária que somos devolvidos a nós mesmos, completando o processo de humanização pela leitura reflexiva e aprofundada ao mesmo tempo em que “[...] deleita e instrui [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 30), conforme afirma Compagnon (2009).

Nesse contexto, em interlocução com o “Conto de escola” trouxemos à tona dois temas de corrupção e delação, por meio das narrativas dos professores, os quais foram discutidos na oficina literária, ambos os tópicos abordados no texto machadiano. A primeira questão diz: “Um grupo de alunos conta um sigilo para a professora de Língua Portuguesa que um colega leva maconha na mochila e que a droga será usada no banheiro ou no pátio da escola. O que fazer?”

O Professor P1 respondeu:

“A questão usuário e outras funções no universo dos entorpecentes é uma realidade cada vez mais presente no ambiente escolar. Além de ser um assunto de cunho social, é necessário considerar as questões de saúde e segurança, visto que, as drogas além de afetar o intelecto do usuário, também poderá resultar em problemas comportamentais agressivos. Assim, é necessário que o professor se atente tanto para as questões administrativas e nesse caso o corpo técnico da unidade escolar precisa ser avisado da situação”.

A segunda questão propõe: “Um aluno faz uma proposta de suborno a você no valor de R\$ 50,00 reais para que deixe a turma livre em sua aula. Outro colega interpela e afirma que o valor deveria ser maior, pois o salário da professora é maior do que esse valor. Como abordar os alunos, a situação?” O Professor P2 respondeu:

“[...] me chocaria muito ouvir uma proposta como essa. Conversaria sobre corrupção com ele e conduziria o diálogo para a importância de estarmos em aula, que o interesse deles muito agrada a pessoas que desejam a estagnação do conhecimento, para haja pessoas não pensantes e acríticos”.

Ainda relacionada à temática provocadora das questões anteriores, outra situação-problema foi direcionada aos docentes: “Um aluno durante sua aula descobre que roubaram o seu lanche. O colega que se senta a sua frente é o principal suspeito, segundo os estudantes. O lanche é encontrado na bolsa do suspeito que afirma que

outros colocaram o lanche em sua bolsa. Os outros riem. A câmera da sala de aula está com defeito. Como resolver o caso?” Em resposta, o Professor P3 se pronunciou:

“Eu tentaria resolver o problema com diálogo e reflexão diante de cada situação: - a importância de respeitar o que é do outro; - os apontamentos feitos pela turma em relação ao pré-julgamento; - o desconforto do colega em relação a situação (empatia); - os motivos que levaram a turma a reagir com risos”.

Dentro dessas questões apresentadas pelos professores é possível desenvolver uma discussão a respeito do “Conto de Escola” no âmbito da delação e da corrupção. No sentido de aprofundar reflexões acerca das situações-problema que os docentes enfrentam na sala de aula, e os diferentes cenários temporais onde esses temas ocorrem, ou seja, uma no século XIX e a outra no Século XXI, em um cenário escolar distantes por dois séculos. Por isso, é importante oportunizarmos espaços próprios de diálogos para que possam expressar, refletir e transformar esses desafios em oportunidades de ensino pela literatura clássica.

Em paralelo, o “Conto de Escola” apresenta o universo de uma escola nos anos 1840, no Rio de Janeiro. Naquele contexto, a escola era um ambiente pouco atrativo, opressor e o professor era uma figura que causava medo pela relação hostil que era estabelecida com os alunos. Era comum o uso da palmatória como castigos para resolver os erros e deslizes dos alunos. Desse modo, o ambiente escolar se apresentava como um ambiente desestimulante, uma vez que não se relacionava com a vida dos alunos, por exemplo, o desejo expressado pelo narrador de estar sempre fora da sala de aula, se distraíndo, até mesmo com uma pipa que voava, vista pela janela. O ponto alto do texto dá-se quando Raimundo, filho do professor e por isso, o mais cobrado da turma, decide subornar seu colega Pilar para lhe ensinar sintaxe. Pilar, de início, resiste, mas aceita a oferta. No entanto, Curvelo os denuncia ao professor, que os pune com 12 bolos de palmatória cada um. No dia seguinte, Pilar pensa em ir à escola e recuperar sua moeda, porém é surpreendido por batalhão de fuzileiros em marcha, e resolve acompanhar por ser mais interessante que ir a escola, conforme narra no trecho:

Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor... (ASSIS, 1994, p. 7).

Diante do excerto percebemos a importância de dialogarmos os textos literários com a contemporaneidade, visto que, embora o conto esteja distante mais

de 200 anos do tempo atual, percebemos sua contemporaneidade, por meio da desconexão com a realidade do aluno e seu contexto cultural e de vida.

Em outra oportunidade, perguntamos aos docentes participantes da oficina sobre uma situação-problema atinente ao preconceito, tema também presente no conto machadiano: “Durante sua aula, um aluno alega que foi chamado de “macaco” pelo colega, que se defende afirmando que também é negro e jamais chamaria alguém assim. A vítima afirma que o professor viu/ouviu e nada fez, mas o docente negou. A família exige punição e ameaça ir à justiça contra a escola. O que fazer?”

O Professor P4 posicionou-se diante da questão-problema, da seguinte forma:

“Na circunstância em que a situação já se encontra e diante da aparente e explícita omissão da escola, eu motivaria a família a realmente procurar a justiça. Ao ver situações como esta eu jamais seria omissa. Com certeza minha atitude seria de REFLEXÃO com os alunos envolvidos e com toda a turma acerca do RESPEITO”.

Em meio às provocações dirigidas aos professores e aos seus posicionamentos diante da leitura do texto machadiano, são nítidas as contribuições desta oficina que foi realizada com os mestrandos do ProfLetras, uma vez que se faz relevante levantar temas da experiência prática do fazer do docente alinhados às questões sociais que também se aproximam da realidade dos alunos.

Oportunizar um espaço de debates em que os professores possam dialogar sobre as suas experiências docentes, por meio do texto clássico “Conto de Escola” é contribuir no grande tempo da obra, e possibilitar novas formas de trabalhar o texto literário de modo dialogado e contextualizado pelo professor com a contemporaneidade e seus desafios. Em nosso tempo, outros dissabores surgem como a falta de tempo de leitura na sala de aula, e as tecnologias digitais, também contribuem para essa disparidade de acordo com Gonçalves e Ribeiro (2006).

Em suma, a abordagem acerca desses temas contemporâneos, presentes em nosso diálogo e também presentes na obra machadiana oitocentista, dimensiona a importância da formação continuada dos professores para intermediar o processo de aprendizagem por meio de leitura literária, tornando o processo mais significativo para o aluno e seu respectivo contexto.

4 Considerações para novos debates

Embora os contextos atuais da educação estejam inseridos em uma realidade com alguns valores sociais distintos daqueles contidos pelo texto de Machado de Assis e ainda apresentem, de forma geral, práticas educacionais em que o aluno é tratado como um depósito de conhecimentos pelo professor, temos também outras

manifestações que contribuem para a superficialidade dos conteúdos apresentados na escola, sem a concepção crítica necessária para formação cidadã.

Por exemplo, a perspectiva das políticas educacionais que privilegiam conteúdos sem discussões e que não se alinham a situações sociais e culturais dos alunos continuam a dicotomizar o ambiente escolar, sobretudo no contexto de mediação a qual somos submetidos e impactados na contemporaneidade. Assim, temos outros modelos de comportamento e de obtenção de experiências para o aprendizado e na forma como lidamos com a leitura literária, que muitas vezes se manifesta de modo mais pessoal.

Tais práticas podem potencializar o distanciamento do aluno da escola, em especial da leitura de textos clássicos, por não haver relação com o mundo ao qual está inserido, em sua diversidade, gerando-lhe um desinteresse pelas produções da tradição literária, já que sob tal ótica se apresentariam de maneira desconectada aos temas e debates sociais emergentes.

Portanto, não é possível ensinar literatura por meio da tradição literária sem se aproximar da realidade do aluno e tornar o processo vivido de sentidos. Para isso, a formação de professores necessita criar caminhos metodológicos condizentes com tal demanda. Conforme discutimos nos exemplos destacados pelos professores, a corrupção, o preconceito e a delação são comportamentos que se repetem no ambiente escolar tanto Século XIX quanto na atualidade. Eles se apresentam como problemas atemporais em distintos períodos da história, sendo permanências ainda presentes no cotidiano escolar. Por isso, criar espaços dialógicos, para que possibilitem aos professores diálogos sobre suas leituras e experiências cotidianas, oportuniza novos aprendizados em relação ao enfrentamento dessas questões.

A literatura se mostra uma potente abordagem para estimular os debates da prática pedagógica colaborando para uma formação de professores em uma perspectiva mais humana e próxima da realidade do aluno, de modo que as práticas de leitura de textos da tradição literária, no contexto atual, ganhem novos contornos e sentidos para a formação de leitores.

Ao resgatarmos algumas questões nucleares que nos mobilizaram a pesquisar o encontro com a literatura machadiana nos processos de formação continuada da área de Letras, por meio da leitura “Conto de escola”, acreditamos que o ato de ler na perspectiva do grande tempo bakhtiniano nos permite reconhecer o cânone como produção cultural que precisa estar em constante diálogo com a contemporaneidade, principalmente quando trazemos para a cena da leitura as vozes dos leitores com as suas experiências, de forma responsiva e ativa como seres “expressivos e falantes”, afinal a leitura é uma oferta de contrapalavras (GERALDI, 2002).

Nessa ótica, em que a leitura se constitui como prática social atravessada por muitas vozes e distintas realidades, passamos a compreender também que a literatura relê o passado à luz do presente na perspectiva do futuro, ampliando a

nossa dimensão sobre a produção literária, para além do seu pequeno tempo de edificação.

Referências

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>>. Acesso em 14 mar. 2023.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. Editora 34: São Paulo, 2017.

BEZERRA, Paulo (Org.). “Bakhtin: remate final”. In: _____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017. p.81-96.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49ª ed. Ed. Cultrix: São Paulo, 2013.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande tempo”? **Bakhtiniana**, Revista de Estudos do Discurso, v. 10, nº 2, Ano VII, mai-ago, 2015, p. 5-16.

CÂNDIDO, Antônio. “A literatura e a formação do homem” In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. P. 77-92.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”. In: _____. **Valise de cronópio**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.p. 147-163.

COSSON, Rildo. “A formação do professor de literatura – uma reflexão interessada”. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; RAMOS, Flávia Brochetto. **Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa** (Orgs.). Campinas, SP : Mercado de Letras ; Dourados, MS : Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013. P. 11-26.

GERALDI, João Wanderley. “Leitura: uma oferta de contrapalavras”. **Educar**, Curitiba, n. 20, p. 77-85. 2002.

GINZBURG, Jaime. O ensino de literatura como fantasmagoria. **Revista da ANPOLL**, Brasília, v. 1, n. 33, p. 209-222, 2012. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/637/648>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

OLIVEIRA, J. S. A. **A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em: < Descrição: A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental (ibict.br)> Acesso em: 27 fev, 2022.

PRADO, Guilherme do Val Toleto; Seródio, Liana Arrais; Proença, Heloísa Helena Dias Martins; Rodrigues, Nara Caetano [Orgs.]. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

SODRÉ, Werneck. **História da literatura Brasileira**. 7ª ed. atualizada. DIFEL: São Paulo, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.



Readings and teaching voices: a meeting between Mikhail Bakhtin and Machado de Assis in the classroom

ABSTRACT:

The text on the screen presents an excerpt of the research "The teaching of literature and the teaching voices: dialogues with Machado de Assis in the great time", developed in the line of teacher training, of the Professional Master's Degree in Teaching of Humanities (PPGEH), of the Federal Institute of Espírito Santo – Vitória campus, whose main objective is to investigate the teaching of Literature and the training of teachers, in the perspective of the teaching narratives under the Bakhtinian optical in reading practices in the continuing education of the area of Letters. Elaborated from the experiences of reading with teachers of Basic Education Portuguese of the Espírito Santo school network, the teachers' narratives were present from verbal interactions resulting from one of the workshops proposed in our interventional practice, in which we discussed the tale of Machado de Assis, "Tale of School", inserted in a qualitative research of dialogical basis. In this approach, we were able to listen and reflect on the experiences of teachers in their successes and in their challenges in the classroom, in order to discuss the contributions of the Machadian tale and the literary tradition to the practices of teaching literature.

KEYWORDS:

Teaching;
Teacher Education;
Literature;
Machado de Assis;
Narratives;